

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:
Arquibaldo
PAPIM

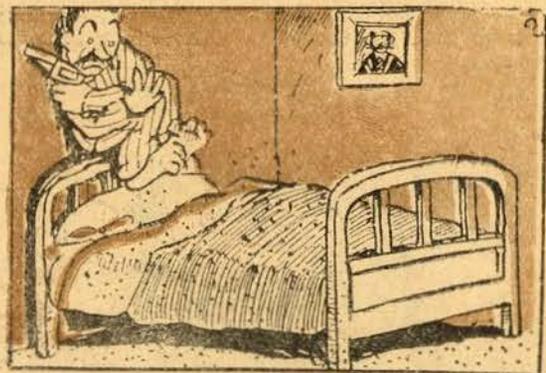
O SECULO

Director artistico:
Juarez Collares
PAPUSSE

UM VERBO MAL CONJUGADO



Pelo Norte de longada,
Beltrão de Santa Maria
Entra numa hospedaria
Que lhe foi recomendada.



Alta noite uma invasão
De pulgas e percevejos
Enche-o de loucos desejos
De empunhar um pistolão.



Mas, farto da bicharia
Fulo, de punhos erguidos,
Já Beltrão berra aos ouvidos
Do dono da hospedaria:



—«Como aqui só pulgas vejo,
Não lhe pago... perceben?!...»
Volve-lhe o outro, então:—«eu
Não percebo; percevejo!»

DEDICAÇÃO PREMIADA

POR FRANCISCO LEON CASTRO

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



Ol com grande alegria que Clara, Luiza e Maria ouviram o convite de seu pai para irem esperar o tio Alberto que regressava agora do Brazil.

Emquanto as três irmãs se preparavam para irem com seu pai esperar o tio, mais do que o passeio ao cais, vinha-lhes a idéa as riquezas que o tio não traria dêsse país que elas ouviam dizer ficar muito longe e ser muito rico.

—Eu—dizia Maria—muito gostava que ele me trouxesse uma boneca muito grande e muito bonita que abrisse e fechasse os olhos e dissesse; papá... mamã...

—Eu antes queria que ele me desse um automovel com corda, para ir numa grande correria pelo corredor—disse Clara.

—Eu—disse por sua vez Luiza, a mais nova—gostava que ele me desse um realejo que tocasse músicas muito bonitas e...

Mas não terminou porque o pai abrira a porta para lhes perguntar se estavam prontas, pois já eram horas de partir.

Passado algum tempo já as três meninas estavam no cais. Neste via-se bastante gente aglomerada esperando pessoas amigas ou de familia que também chagariam naquele barco.

—Que grande que deve ser o barco, exclamou Clara.

—Deve fazer muito barulho com as máquinas e deitar muito fumo—proferiu Maria.

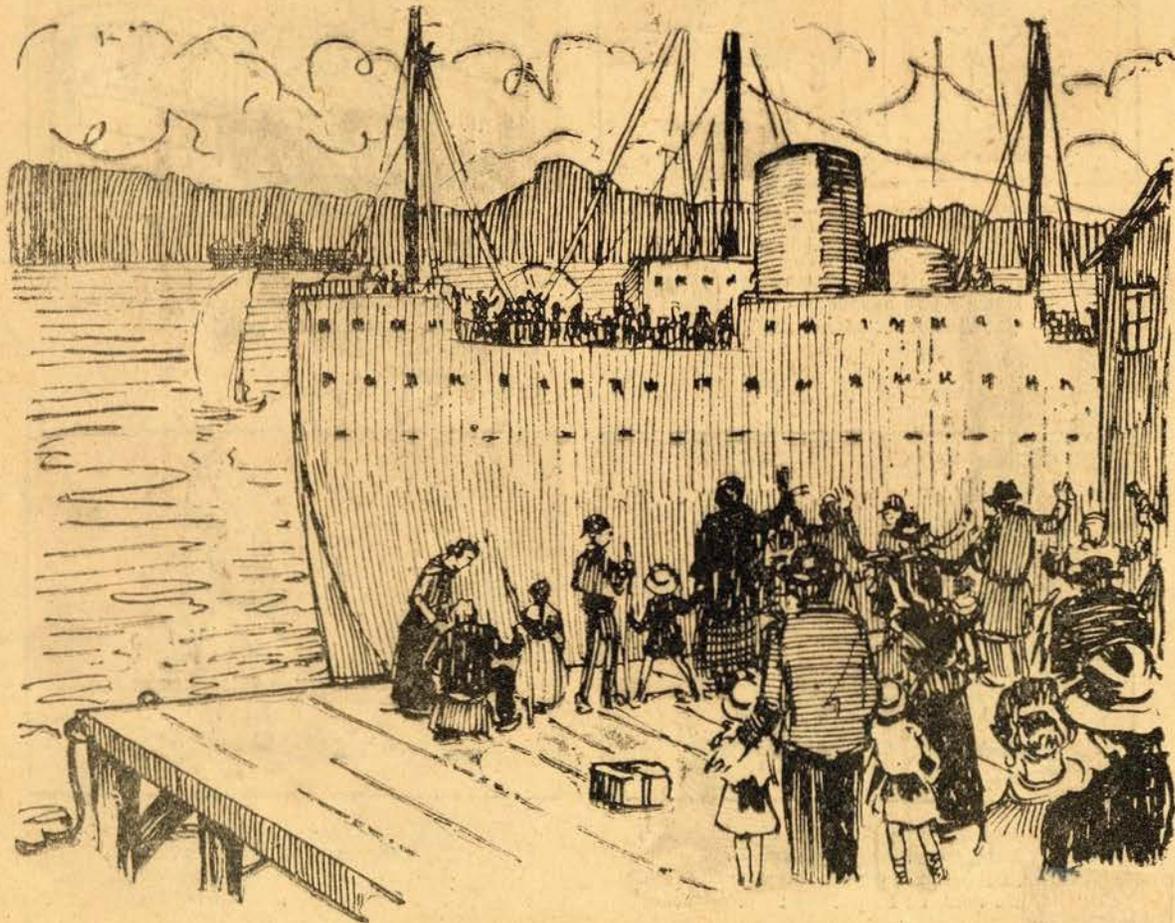
—A primeira a dar um beijiho no tio hei-de ser eu—disse, por sua vez, Luiza.

Emquanto esperavam, Clara, Luiza e Maria entretinham-se a ver passar os barcos de vela ou a seguir com o olhar o vôo das gaviotas sobre as ondas.

Não tardou, porém, que ao longe, no horizonte, apparecesse um ponto negro que a maneira que avançava ia aumentando tornando-se mais percebido. Era o navio que chegava. Todos olharam ansiosamente para elle.

Em breve o navio tocava o cais. Era muito grande e tinha o casco branco e com uma faixa encarnada.

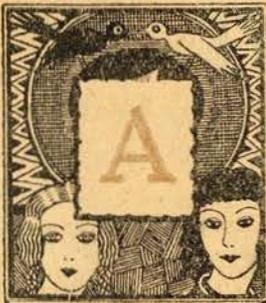
Ouviu-se um silvo e deixou-se de ouvir o barulho que a helice fazia na água.





O COFRE MISTERIOSO

Por PEDRO DE MENEZES — Desenhos de EDUARDO MALTA



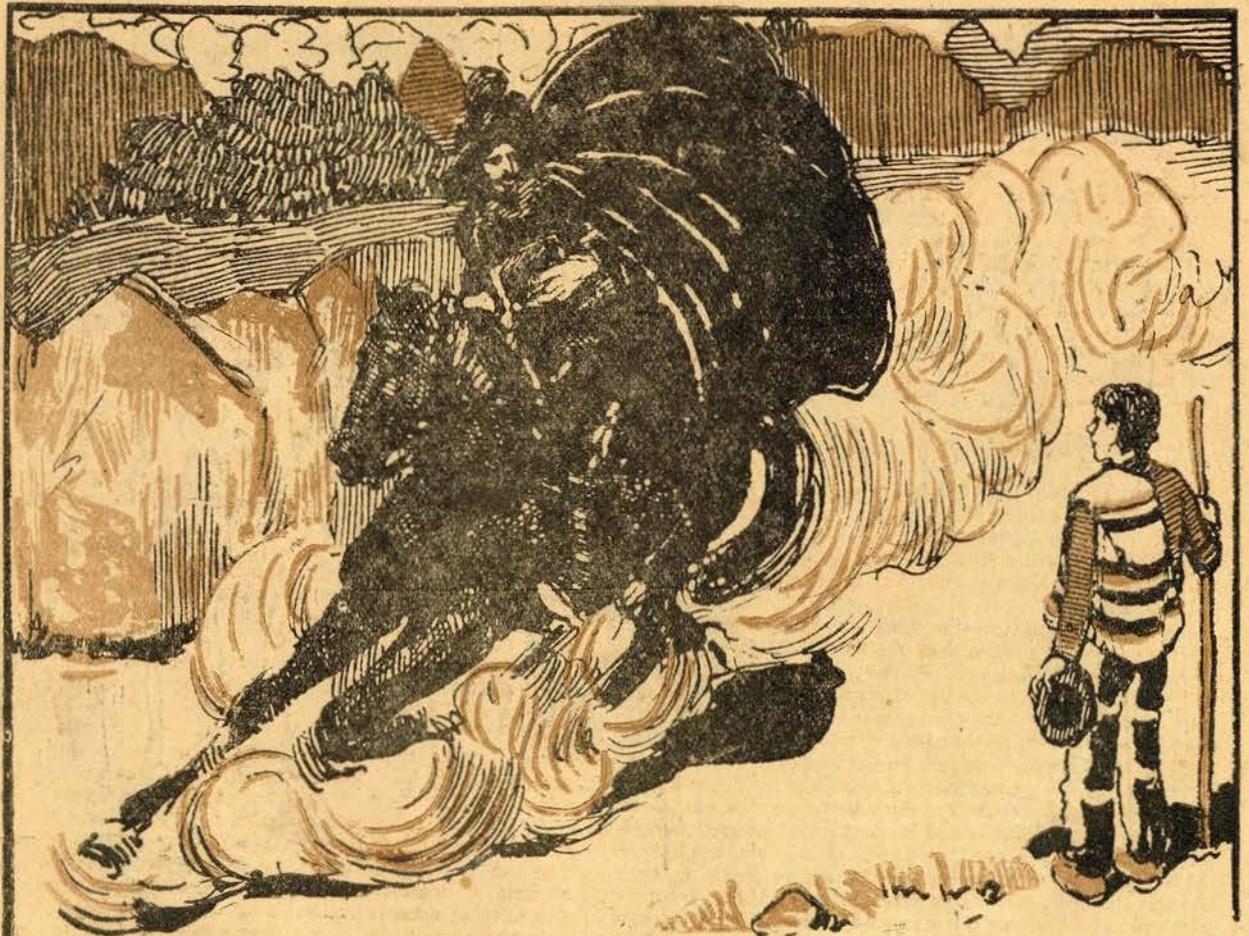
A NOITECIA. Ao voltar da curva da estrada de uma aldeia longínqua, apareceu, cavalgando um fogoso corcel, um cavaleiro todo de negro, de ampla capa da mesma cor, por baixo da qual se via, pendente dum ciuto de coiro, uma espada de punhos reluzentes e uma pequena adaga. O cavalo era negro também. A barba em bico e o bigode do desconhecido tinham ainda a mesma cor. Os seus olhos brilhavam dum modo es-

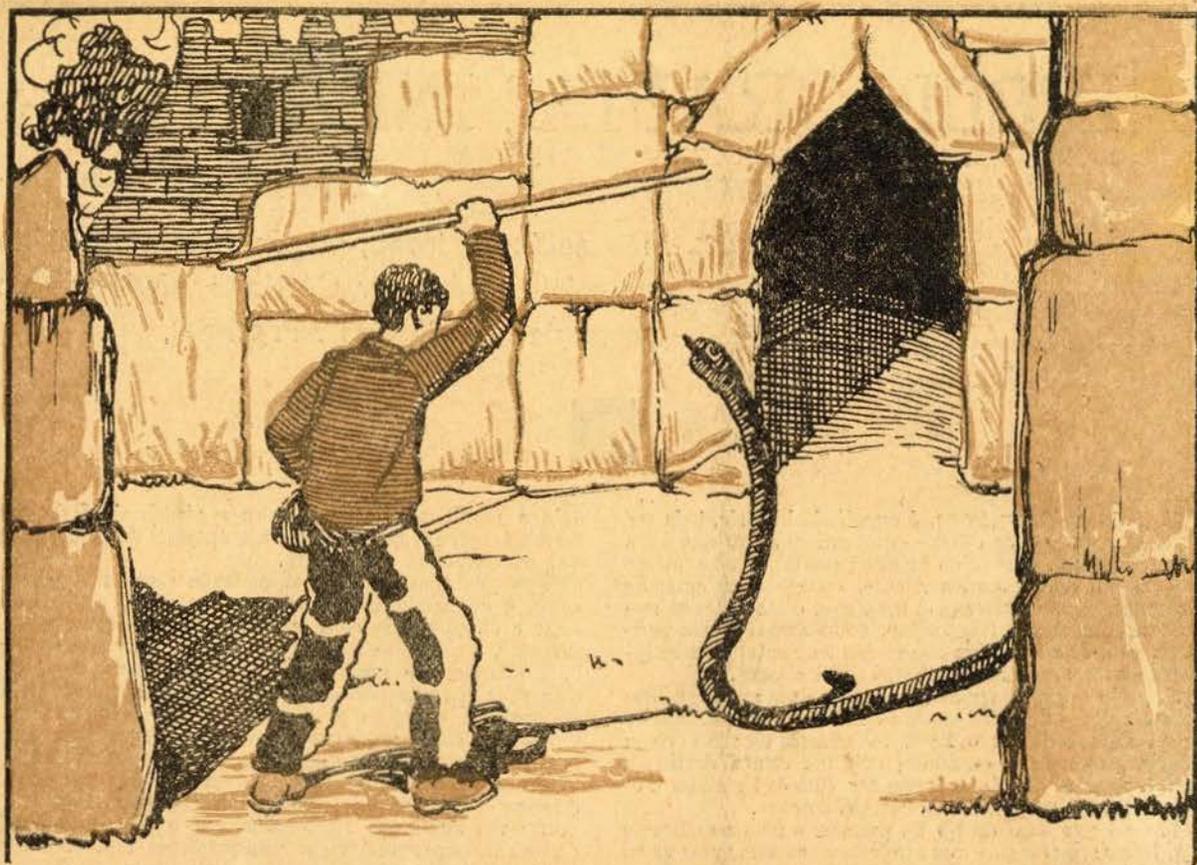
tranho. Naquela aldeia existia um pastor, novo ainda, decidido e valente como poucos.

Namorava uma gentil aldeã, de longos e lindos cabelos de ouro, de olhos verdes e expressivos.

Era costureira. Residia numa casa visinha daquela em que morava o pastor. Os dois tinham jurado amor eterno e tinham prometido casar-se, custasse o que custasse, apesar da tenaz oposição da família dela.

Diziam que, às vezes, nas noites mais escuras, um desconhecido rondava as imediações da casa da enamorada costureira, e que esse desconhecido parecia também ser um pretendente da descuidada donzela. Ela, porém, outro amor não sentia que não fôsse pelo valente e destemido pastor. Dizia-se também que uma vez, o cavaleiro lhe chegara a fa-





lar e que ela nem sequer o olhara. Alguém que a acompanhava, ouviu o desconhecido dizer:

—Não queres ver-me? Um dia virá em que não verás também aquele que estimas.

Ela estremeceu supondo um perigo para o noivo. Avisara-o para que se prevenisse, mas ele rira-se e declarara-lhe que o não assustava semelhante ameaça.

Na tarde em que principia este conto, o referido pastor passava na estrada, a caminho de casa, cantarolando, quando o desconhecido cavaleiro, parando junto dele, lhe perguntou onde ficava o castelo abandonado do Sol-posto, um velho castelo arruinado, que se erguia no cimo de um outeiro, cheio de lendas, rodeado de contos, que atemorizavam velhos e novos, e do qual apenas o pastor se aproximara uma única vez.

Indicou-lhe a direcção admirado de aparecer alguém que não tinha semelhante lugar, e acrescentou:

—Admiro-me de que venha procurar um castelo, que todos dizem trazer desgraça.

—Nem sempre para quem o procura, e, às vezes, para quem o indica.

E, dizendo isto, e deixando o pastor intrigado com a resposta, partiu, a galope, em direcção do castelo arruinado. O pastor esperou algum tempo, olhando o caminho que o desconhecido seguira. Dentro em pouco, regressava o mesmo cavaleiro, sorridente, com um pequeno cofre de ferro debaixo do braço.

—Obrigado, pastor—lhe disse—o mal já está feito.

E, novamente, desapareceu na curva da estrada donde tinha surgido. A noite veio. A aldeia adormeceu, e, na manhã seguinte, vinha já ele de conduzir os rebanhos de seu amo, quando ouviu altos choros em casa de sua noiva. Entrou, para saber o que sucedera, e, a mãe, uma velhota de respeitáveis cabelos brancos, comunicou-lhe que, sem saber como, a filha aparecera de manhã cega, parecendo que lhe tinham roubado de dentro das pálpebras, enquanto dormia, os seus lindos olhos verdes. Como louco, precipitou-se para junto da sua amada, falou-lhe, ela respondeu-lhe entristecida, e, ao pensamento do pobre pastor vieram, naquele instante, não só as palavras enigmáticas do cavaleiro, que ao anoitecer o interrogara, mas também a ameaça do pretendente da costureirinda.

Assim se tinha cumprido o que o desconhecido lhe dissera. O pastor prometeu vingá-la. Curá-la-ia, se pudesse. Os médicos confessaram que nada poderiam fazer; que o mal era incurável.

O pastor, passados dias, resolveu ir visitar o misterioso castelo que, só de o indicar, tanto sofrimento lhe tinha trazido.

Aproximou-se cuidadosamente, acercou-se da porta escancarada e quando ia a entrar, sentiu junto dos pés, qualquer coisa que se arrastava e que, ao fazê-lo, produzia um ruído singular. Olhou nessa direcção e viu uma enorme cobra que se lhe dirigia e que, quando estava a curta distancia, lhe disse:

—«A que vens, pastor? Que ousadia é essa que te leva a entrares num castelo onde há séculos ninguém entra? Quem te mandou e que destino pretendes depois seguir?» Como resposta, o arrojado pastor, que nunca largava o seu cajado, respondeu: —«Deixa-me passar. Nada tenho que te dizer». E levantou o cajado ameaçador. A cobra deu um prolongado assobio e disse apenas: —«Não serei eu que te impeça de fazeres o que pretendes. E's valente e eu admiro-te. Oxalá possas alcançar o que desejas, o que não será facil com ameaças». E o reptil desapareceu arrastando-se ruidosamente. O pastor ficou um momento pensando nas palavras da misteriosa cobra, reconhecendo que efectivamente, em vez de a ter ameaçado com o seu cajado, deveria ter respondido às suas perguntas, prometeu a si próprio não voltar a proceder assim e entrou resolutamente no castelo.

Chegou a uma outra porta, aberta como a primeira, onde, empoleirada numa pedra mais saliente, uma ave singular que parecia dormir, sacudiu sonolentemente as asas e perguntou: —«E's tão valente, pastor, que nem sequer perguntas se te é dado poderes entrar, nem sequer dizes para onde te diriges? Que queres tu deste castelo onde o silêncio raras vezes é interrompido por desconhecidos cujo poder vive nos feitiços que os rodeiam e nos talismans que possuem? Como é que tu sem uns nem outros, simples mortal que um breve golpe duma das minhas asas imediatamente mataria, te decidiste a penetrar o misterio de tantos séculos que envolve estas ruínas?» Levado por um impulso de ódio, pela ansia que tinha de alcançar o interior daquele castelo,

BIBLIOGRAFIA INFANTIL

S. João subiu ao trono, grande Auto ou Mistério
em seis jornadas por CARLOS AMARO com
ilustrações de SARAH AFFONSO,



S. João subiu ao trono, é uma linda história, toda em verso, que um grande Poeta — (talvez sem saber que o era ou, pelo menos, esquecido de que possuía um rico talento criador) — o doutor Carlos Amaro, escreveu, em horas de inspiração, para entreter uma filha que, como todos os meninos inteligentes e imaginosos, adora as mil e uma peripécias que se desenrolam nos reinos da Fantasia, entre gigantes e anões, príncipes, bôbos, bruxas e fadas.

S. João subiu ao trono é a história dum príncipe inteligente e bom que, por conselho dum bôbo, seu verdadeiro amigo, resolve deixar o Paço, as intrigas da sua Côrte, a própria princezinha orgulhosa que lhe estava destinada para esposa, a fim de ir aprender com os humildes e os bons, a ser um rei justiceiro, virtuoso e nobre.

Levado por esse desejo de premiar o Bem e castigar o Mal, transforma-se sem que ninguém o suspeite numa velha bruxa, uma bruxa horrenda, e aguarda, na gruta duma montanha, que um espírito valoroso o vá desencantar.

Ignorando o seu paradeiro e convencendo-se de que o seu noivo havia sido morto às mãos da própria bruxa que era o terror do povo, a princezinha promete a três fidalgos da côrte, casar com aquele que a conseguir matar, coroando-o rei em seguida. Animados por tal promessa, partem logo os três quixotescos áulicos ao encontro da velha maldita que, mal aparece no tópo da montanha, os faz tremer como varas verdes e só de susto os mata.

Cabe, porém, a sorte de desencantar o príncipe, a uma pequenina pastora — Símbolo de Bondade — que apenas com a arma da sua inocência: — um beijo, consegue matar a Bruxa, salvando o príncipe, o qual deslumbrado pela sua coragem a conduz ao Paço onde a senta no trono, apeando

dêle a orgulhosa princesa, entre a alegria do Bôbo que jamais acreditara na sua morte e o despeito de toda a Côrte que bem depressa o esquecera.

Mas já a pastorinha, mal podendo suportar o peso da corôa e do manto, começa a sentir a nostalgia da vida natural e simples, em cujo ambiente florira a sua alminha inocente, quando, entre o pasmo de toda a Côrte, surge um S. Joãozinho, seu irmão mais novo, pastorinho como ela, com seus lanzudos safões e seu florido báculo, num choro enternecido, em grita pela irmã que era o seu ai Jesus! Como ela, então, subitamente, renegue o trono e corra, de braços abertos, para o saudoso irmãozinho, o Príncipe inteligente e bom, abdica dos seus direitos em favor do pequenino — Imagem da Virtude — e coloca-o no trono.

De um admirável simbolismo que o espírito infantil, embora não apreenda, vagamente pressente, esta linda história que uma vez lida se grava para sempre na alma da criança, para mais tarde, no decorrer dos anos, acordar subitamente na nebulosa da sua consciência e poder tirar dela, então, as conclusões dos seus ensinamentos, é um verdadeiro hino à Democracia, no que esta palavra encerra de puro e nobre e não no que ela, hoje em dia, significa para a maioria daqueles que à sua sombra se deitam na esperança vã de que seus frutos lhe vão cair na bôca.

Toda repassada de uma moral absolutamente cristã, é, no fundo, um poema religioso que a todos os papás recomendamos e que Sarah Affonso ilustrou admiravelmente, com a virginal emoção duma grande inocência espiritual.

AUGUSTO DE SANTA-RITA

Continuação do conto: — O COFRE MISTERIOSO

esquecido da promessa que a si proprio tinha feito, levantou para a monstruosa ave num gesto de ameaça o seu nodoso cajado e no mesmo instante num vôo pesado e que produzia um intenso ruído, ela se afastou pelo corredor por onde elle tinha entrado, dizendo: — «Não te impedirei a passagem, pastor. E's decidido e valente e oxalá consigas alcançar o que desejas, o que não será facil com ameaças».

As mesmas palavras pouco mais ou menos que a cobra lhe tinha dito quando a ameaçara, as suficientes para o chamarem à realidade das coisas e para de novo prometer a si proprio mais calma para outro encontro semelhante que pudesse ainda ter. E passando aquela porta, apressou o passo por um estreito corredor. No fim dêsse corredor, outra porta. Junto dela, numa cadeira de ferro, uma velhinha que fiava numa roca de madeira. Ele não reparava na mulher com a pressa que levava, mas ela estendendo-lhe a

roca, disse-lhe numa voz quasi apagada pela muita idade que devia ter:

— «Mancebo, que pressa te conduz que nem sequer reparas em quem encontras no teu caminho? Deves ser valente e ousado, porque de contrário não te terias atrevido a visitar êste castelo que tantos perigos encerra e tão poucas pessoas dele se acercam».

O pastor disse-lhe então:

— «Um dever me leva a visitá-lo, boa velhinha, e nada me deterá, a não ser a morte, para alcançar o que pretendo».

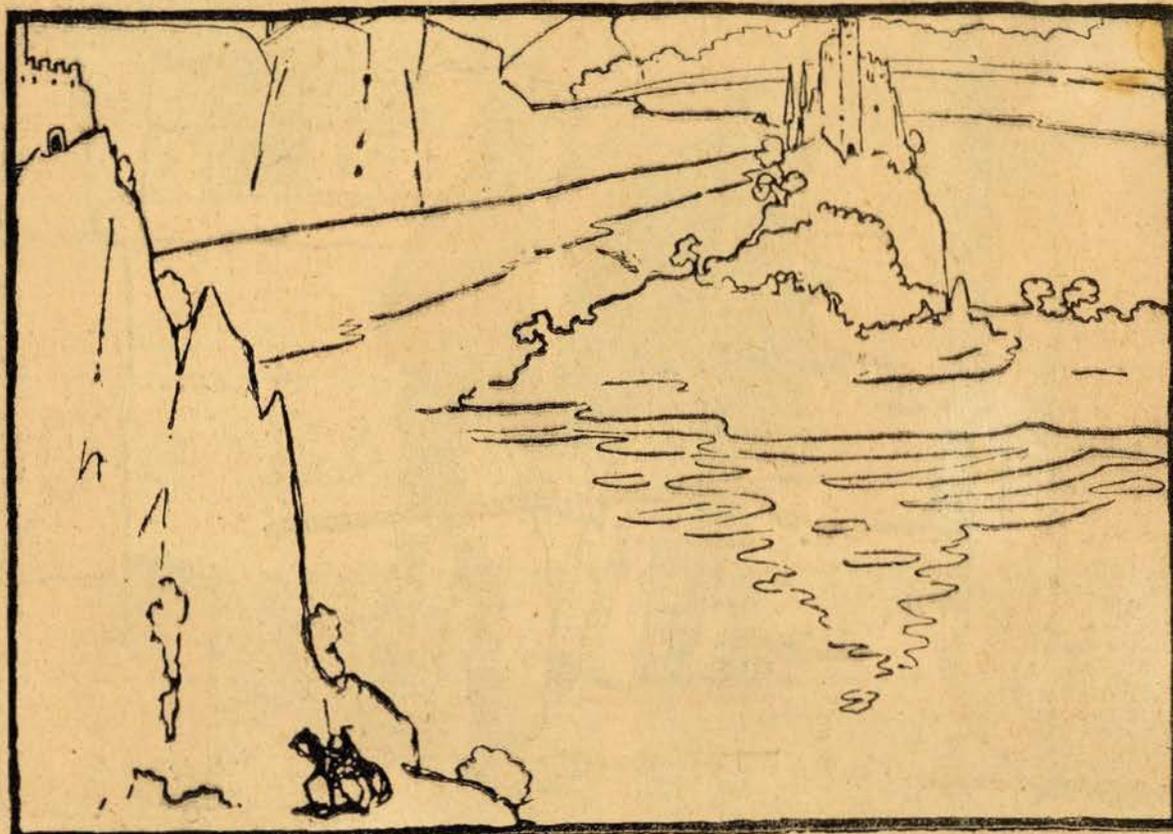
— «E que pretendes tu, pastor?»

— «Saber como fêz um infame cavaleiro que ontem aqui se dirigiu, para conseguir cegar aquela a quem quero mais do que à minha própria vida».

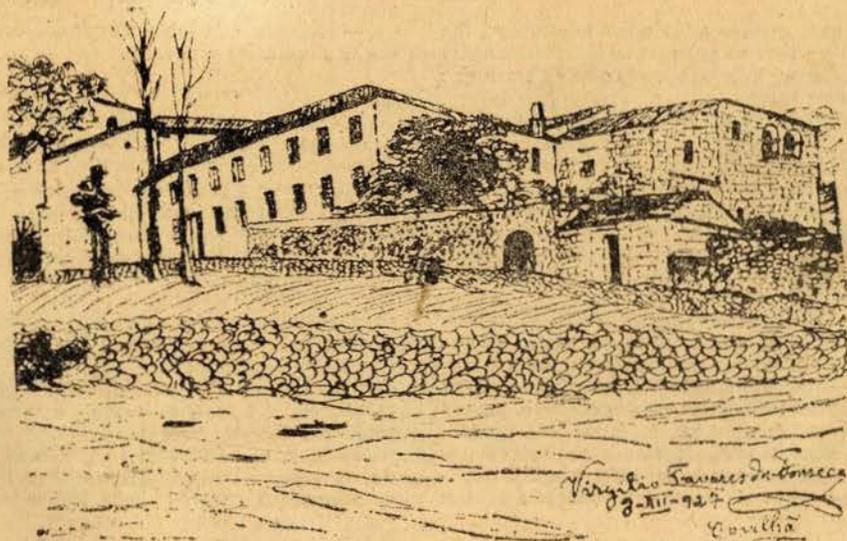
— «Acompanha-me» — disse a velhota, levantando-se a custo. O pastor seguiu-a. Atravessaram longos corredores, salas adormecidas, pátios onde ruínas e só ruínas encon-

(Continua na pagina 8).

PARA OS MENINOS COLORIREM



COLABORAÇÃO INFANTIL



Virgílio Tavares da Fonseca
3-XII-927
Covilhã

Desenho do menino Virgílio Tavares da Fonseca, da Covilhã



O COFRE MISTERIOSO

(Continuado da pág. 6)

travam, até que chegaram a uma porta que estava fechada.

A velha tirou do bolso da saia uma chave enferrujada e abriu devagarinho a porta. Dentro estava uma mesa e sobre ela uma pequena gaiola que encerrava uma ave que parecia dormir. Apontando-lha, a velha disse:

— «Vês esta avezita?»

— «Vejo».

— «E' aquela que, quando a tua noiva adormeceu, lhe roubou os lindos olhos para os entregar ao feiticeiro a quem tu falaste. Ele os levou num pequeno cofre de ferro que escondia debaixo dum braço».

O pastor quis dirigir-se à avezita furioso, para a matar. A velha deteve-o.

— «Quieto, desgraçado—lhe disse—que se a matasses, a tua amada ficaria eternamente cega».

O pastor aquietou-se. A velha continuou então:

— «Estas explicações apenas estava autorizada a dá-las a quem fôsse tão valente, tão decidido que, vencendo a força das lendas que rodeiam este castelo e os perigos que em volta e dentro dele se acumulam, chegasse até junto de mim. O feiticeiro que roubou os olhos da costureira a quem tanto queres, porque por ela se apaixonou, é o mesmo que há alguns séculos, enfeitçou e encerrou dentro duma misteriosa redoma, uma infanta muito bela que vivia aqui, de quem fui aia e que só um homem ousado como tu, poderá desenfeitçar. Vou soltar a ave. Ela sairá pelas grades daquela janela. Voará sem destino. No dia que conseguires encontrá-la, já a podes matar, porque então o feitiço da infanta acabará e os olhos da tua noiva voltarão a brilhar como outrora, no seu rosto».

A velha, ao concluir, soltou a ave que parecia estar a dormir.

— «E como hei-de conseguir matar esta maldita ave, boa mulher?»

— «Com o teu cajado. O mal está em a voltares a encontrar».

Foi buscar uma lanterna que estava fechada num armário do mesmo quarto em que se encontrava a gaiola e acrescentou:

— «Acende esta lanterna quando caminhares de noite e ela te auxiliará a procurar».

Tinham já passados anos depois do pastor abandonar a aldeia para conseguir alcançar a amaldiçoada ave. Tinha corrido todos os países, tinha passado em todos os caminhos. De dia andava pensando na sua noiva, de noite seguia guiado pela lanterna que a velha lhe tinha dado. Até que numa noite muito escura, viu a ave misteriosa pousada sobre uma pedra mais alta do caminho. Continuava a parecer que dormia. Levantando o cajado que nunca o abandonava, deu tão forte pancada na ave, que ela desapareceu imediatamente. Voltou à sua aldeia, no que levou bastantes meses pois se encontrava muito longe e, quando lá chegou, por todos foi abraçado. A sua noiva via como dantes, com os seus olhos lindos e verdes; o castelo em ruínas desaparecera e em seu lugar apareceu um esplêndido palácio onde uma encantadora infanta vivia com a velha aia. Casou o pastor com a costureira e a infanta, agradecida, encheu-os de riquezas. Dizem que a infanta, mais tarde, casou também com um cavaleiro que, por acaso, acompanhado de vários amigos, passava por ali para uma caçada aos javalis. O feiticeiro apareceu morto no cimo dum monte muito alto, tendo ainda na mão, o cofre de ferro aberto.

■ F I M ■